



ROSTOS E ESTÓRIAS

*Interior da Instituição
Pastoris*

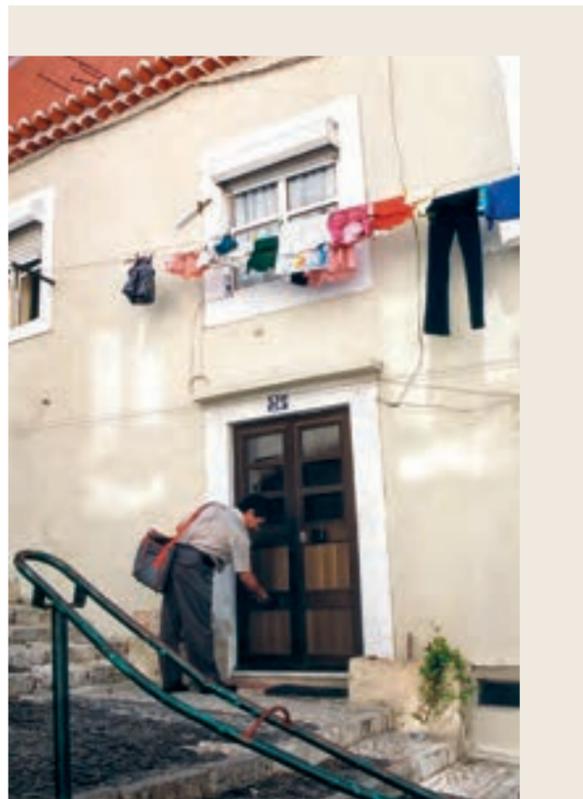






AGOSTINHO DE JESUS LOPES

VISITA ÀS ESCOLAS



CARTEIRO NO GIRO, NO CASTELO DE SÃO JORGE, EM AGOSTO DE 2001. ACERVO DO PATRIMÓNIO ICONOGRÁFICO À GUARDA DA FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES. ©JOSÉ CARLOS ALEIXO

A 1 de agosto de 2019, entrei para o Centro Social e Paroquial de Pinheiro da Bemposta, concelho de Oliveira de Azeméis, passando lá o dia entre as 9.30 e as 17.30.

Para além das refeições e do transporte feito em carrinha, fazemos muitas atividades: ginástica (que também faço noutros momentos sozinho), passeios, encontros com instituições, jogos variados, pintura... Fui carteiro dos CTT, reformado em janeiro de 1993, tendo um neto que nasceu nesse mesmo ano.

Desde criança que tive paixão pelos CTT, via a marca CTT e esperava pelo carteiro da terra para levar ou receber carta do meu irmão que estava em Lisboa. Na data, tinha outro irmão que trabalhava nos CTT — Armando Lopes — que me levou a inscrever nos CTT.

No final do ano de 1955, fui admitido na CTF (estação de correios) de Oliveira de Azeméis, onde permaneci ao serviço até à minha reforma, tendo também feito São João da Madeira numas férias de uma funcionária.

Em 1993, fiz 60 anos de idade e 36 anos e alguns meses de serviço. Depois de aposentado, fiquei sempre com saudades do trabalho que adorava, com sigilo: nunca tocando no alheio.

No passado 9 de outubro, celebrando-se o Dia Mundial dos Correios, fui a uma escola primária, com uma animadora do centro e alguns utentes amigos, para mostrar aos alunos como se entregava o correio na minha altura.



Fui vestido a rigor com a farda que se usava no ano em que fui aposentar-me (a farda ainda me servia, apesar de ficar bastante apertada e de já estar bastante puída), só não encontrei o meu boné, com pena minha, levei um saco, corneta e um instrumento de lacrar cartas (emprestados) para mostrar aos meninos e contei algumas peripécias e respondi a muitas perguntas curiosas.

No passado 27 de janeiro, fui a outra escola primária, desta vez para celebrar o Dia do Carteiro (25 de janeiro), e consegui levar a minha bicicleta antiga, foi uma surpresa para todos os meninos.

Contei-lhes que no princípio a entrega das cartas era a pé, mais tarde de bicicleta e nos últimos anos de serviço já de motorizada.

Deixo-vos estas histórias para ficar na memória registada no vosso livro. Numa outra vez conto mais memórias.

O BOLETINEIRO CICLISTA FAZIA A ENTREGA DOS TELEGRAMAS NA CIDADE DE LISBOA. COLEÇÃO DOS CTT CORREIOS DE PORTUGAL | FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES. ©FRANCISCO DOS SANTOS CORDEIRO



ANTÓNIO DO CARMO TEIXEIRA

O TELEGRAMA DE SÃO BENTO

Estava eu na Estação Central Telegráfica do Porto sentado a transmitir numa posição de teleimpressor quando o telegrama que tinha na minha frente me suscitou dúvidas. O telegrama tinha vindo da Estação urbana de São Bento, que funcionava no edifício da Estação de caminhos de ferro de São Bento, na Praça de Almeida Garrett. Como era normal, chamei por um boletineiro de serviço e disse-lhe para levar o telegrama a São Bento para esclarecer. Continuei a transmitir outros telegramas e como nunca mais aparecesse o boletineiro com a retificação indaguei sobre o que se passava.

Procuraram o boletineiro e ele não aparecia na sala, o que causou espanto. Mais de meia hora depois apareceu o boletineiro com o telegrama. Indagando eu por que razão demorou tanto tempo, disse que São Bento não era ali ao lado. Era um boletineiro novo e não conhecia a linguagem da telegráfica e, por isso, foi mesmo à Estação de São Bento, que realmente era um bocado longe. É que, quando um telegrama nos suscitava uma dúvida, mandava-se o boletineiro — a Braga — para esclarecer a dúvida, e eles já sabiam que isso significava ir à posição de Braga para retificar. Conclusão, foi com uma gargalhada que culminou esta cena profissional.

SALA DA DIVISÃO DOS BOLETINEIROS NA ESTAÇÃO CENTRAL DE LISBOA, NO TERREIRO DO PAÇO. JULHO DE 1939.

ACERVO DO PATRIMÓNIO ICONOGRÁFICO À GUARDA DA FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES. ©FRANCISCO DOS SANTOS CORDEIRO



MANUEL ANTÓNIO HENRIQUES

A MINHA VIDA ENQUANTO CARTEIRO

Ainda jovem, passei por vários ofícios, entre os quais destaque: marceneiro, ajudante de enfermeiro, ajudante de cozinha e padeiro.

No entanto, e como os jovens de hoje, pretendia uma profissão segura e com futuro; foi então que soube que os Correios de Celorico da Beira estavam a necessitar de funcionários, decidi candidatar-me e só após um ano concretizei o meu sonho, tinha eu 24 anos.

Iniciei funções no ano de 1972, na separação, ordenação, distribuição e tratamento de expedição de correio, assim como na recolha de correio em marcos e estações. Ainda hoje recordo o primeiro dia de trabalho.

Foi num dia muito chuvoso, apresentei-me pelas 7 horas nos Correios de Celorico da Beira, ia muito nervoso, pois não sabia o que me esperava. Não me esqueço do apoio que o chefe Caetano (já falecido) me prestou. Colocou-se inteiramente ao meu lado a explicar tudo o que tinha de fazer, assim como todos os colegas.

O dia passou rápido, assim como os nervos que levava ao entrar pela primeira vez no lugar que seria o meu futuro emprego.

O meu dia de trabalho resumia-se ao seguinte: Saída da casa às 7 horas e chegava aos Correios às 7.10; após ter a correspondência organizada, iniciava o meu giro de 40 km diários no período da manhã. Durante a tarde, exercia funções na Estação de Correios de Celorico-Gare.

Para me ajudar nesta tarefa diária, contei com a preciosa colaboração de uma «fiel amiga» (motociclo *Macal M70*) que me acompanhou durante 30 anos de serviço nos Correios de Celorico da Beira. Durante tantos anos, passei e vivi várias experiências que vou partilhar convosco:

Há uns bons anos, existiam agraphadores de metal enormes que deviam pesar alguns quilos. Um dia, resolvi esconder um agraphador desses na mala de distribuição de um colega. Esse colega andou o dia todo a fazer a distribuição com o peso do agraphador e da correspondência, até que percebeu que tinha algo que não era seu dentro da mala. Durante o período da tarde, chegou aos Correios e reparou que dois colegas andavam à procura do agraphador, ele muito envergonhado e nervoso tirou o agraphador da sua mala e disse: «Alguém hoje me tramou...» Olharam para ele e viram-no com o agraphador na mão bastante envergonhado.

Foi uma risada entre todos.

Uma colega tinha pavor a tudo o que fosse bichos, por mais pequenos que fossem. Havia dias que levava de casa bichos de borracha dos meus filhos e colocava-os na secretária, na cadeira e até mesmo nas gavetas. Quando os encontrava, dava gritos de morte. No início suspeitava de todos, mas descobriu que era eu quem lhe fazia estas partidas.

Mas, mesmo assim, continuei e de vez em quando lá se ouvia um grito e logo a seguir:

«Henriquesss!»



GIRO MOTORIZADO NO CONCELHO DE MONÇÃO, EM 1982. ACERVO DO PATRIMÓNIO ICONOGRÁFICO À GUARDA DA FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES. ©JÚLIO MARQUES

«Iniciei funções no ano de 1972, na separação, ordenação, distribuição e tratamento de expedição de correio, assim como na recolha de correio em marcos e estações. Ainda hoje recordo o primeiro dia de trabalho.»

Em junho de 1991, em pleno giro entre duas freguesias (Espinheiro e Fornotelheiro), tive uma queda muito grave, motivada por um cão, que me levou para «uma estada» nos HUC 15 dias, com traumatismo craniano e várias escoriações pelo corpo todo. Com muitos tratamentos e oito meses de baixa, consegui recuperar totalmente. Rosto queimado pelo sol e pelo frio, deixo transparecer muitos anos de galgar caminhos, encurtando a distância entre uma e outra notícia. Falo com entusiasmo das amizades que fiz entre o público e das alegrias e tristezas que compartilhei, provocadas pelas boas e más novas de que era portador. Quando se está muito tempo num giro, tratam-nos pelo nome

e é como se fôssemos da família, convidam-nos a entrar em casa, para tomar qualquer coisa, e até para jantares e aniversários fui convidado. Também tenho histórias tristes, sobretudo quando se entrega telegramas a anunciar a morte de um ente querido, é um drama que me custa muito, pois as pessoas agarram-se a nós a chorar. Na altura, todas as pessoas tinham televisão e liam jornais, mas o carteiro era visto como uma pessoa de confiança e toda a informação que dávamos era mais bem aceite.

A minha vida numa frase: Henriques em pleno giro, mala ao ombro, boa disposição no rosto que parece ignorar o peso da mala e do caminho.



MARIA DA CONCEIÇÃO PAIVA MACHADO

«OS CTT EM MATOSINHOS»



ESTAÇÃO TELÉGRAFO-POSTAL DE MATOSINHOS, EM 1933.
ACERVO DO PATRIMÓNIO ICONOGRÁFICO À GUARDA
DA FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES.

Em memória de meu pai, com muita saudade.

Matosinhos teve a sua primeira Estação Telégrafo-Postal no ano de 1867, com sede na Rua de São Roque até ao ano de 1890, a partir desse ano os serviços foram sendo transferidos de localização em instalações adaptadas na Alameda Passos Manuel, Rua Conde Alto Mearim e Rua Roberto Ivens, até que, no dia 8 de Fevereiro de 1949, Matosinhos viu a sua Estação de Correios, Telégrafos e Telefones ser inaugurada em edifício expressamente construído para o efeito, na Rua Brito Capelo, em frente à então câmara municipal, um edifício com a dignidade inerente à sua categoria de estação de 1.ª classe, categoria essa que lhe estava atribuída desde 1916. De realçar que, àquela data, a Estação Telégrafo-Postal de Matosinhos era a sexta do país em serviço telegráfico local, pelo que trabalhava com três aparelhos Morse e um Hughes, regalia que nenhuma outra vila do país possuía.

Para este preâmbulo, recolhi as informações contidas na *Monografia de Matosinhos*, de Guilherme Felgueiras.

O que me proponho, modestamente, contar a seguir vem de conhecimento empírico, de ouvir o meu querido e saudoso pai, Manuel de Paiva Júnior, e por vivência própria, já que, desde que me conheço, o segui sempre com amor, respeito e muito orgulho na sua vida pessoal e profissional.

TELÉGRAFO MORSE DE DUAS DIREÇÕES
MODIFICADO E CONSTRUÍDO POR
MAXIMILIANO AUGUSTO HERRMANN.
1880.
ACERVO DO PATRIMÓNIO POSTAL À
GUARDA DA FUNDAÇÃO PORTUGUESA
DAS COMUNICAÇÕES.





RAÚL MOREIRA

PORTUGAL 2010 — EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE FILATELIA

RECINTO DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE FILATELIA, PORTUGAL 2010.
TEMA DA EXPOSIÇÃO: «OS CTT NOS 100 ANOS DO REGIME REPUBLICANO».
ARQUIVO DIGITAL DE COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE.
©MADALENA ALEIXO



Na comemoração oficial dos 100 anos da implantação da República, realizou-se em Lisboa a maior exposição filatélica que alguma vez ocorreu em Portugal. E, sem desejar antecipar o futuro, talvez tenha sido esta também a última grande exposição mundial organizada no nosso país nos moldes clássicos.

Para concretizar o evento, o trabalho começou quatro anos antes através de uma comissão organizadora que envolvia os CTT, mas também a Federação Portuguesa de Filatelia.

Muitas histórias decorreram no âmbito deste evento, de proporções gigantescas, cuja síntese aqui fica, para memória futura:

- Investimento Direto — 2 milhões de euros.
- Área de Implantação — 10 000 m² no Parque das Nações, dos quais 1000 m² para a exposição documental temática «Os CTT nos 100 Anos do Regime Republicano» e os restantes para a componente filatélica.
- Número de Países Expositores Aderentes — Participações das Federações Nacionais de Filatelia de 80 países.
- Número de *Stands* — 60, em formatação de *single* ou *duplo*, destinados a 25 operadores postais, 20 comerciantes e a vários patrocinadores.

- Número de Expositores — Recebidas 1030 propostas de colecionadores com intenção de expor, das quais os jurados federativos, pela necessária limitação de espaço, escolheram apenas as 600 melhores coleções para competir.
- Número de Quadros em competição — 1500 quadros; 3000 faces; 48 000 folhas de selos: perto de 1 milhão de espécimes filatélicos (selos e outros objetos filatélicos) em exposição.

Eventos durante a exposição:

- Congresso da Federação Internacional de Filatelia (em que foi eleito o Presidente FIP – Federação Internacional de Filatelia).
- Congresso da ASCAT – Associação Mundial de Editores de Catálogos Filatélicos.
- Congresso da Associação Mundial de Jornalistas Filatélicos.
- Fórum da World Association for the Development of Philately (UPU).
- Comissão de Honra — Presidiu o Sr. Presidente da República (que inaugurou) e a ela pertenceram as mais altas figuras do Estado.
- Organização conjunta dos CTT Correios de Portugal e da Federação Portuguesa de Filatelia, que teve a seu cargo a vertente filatélica de competição.
- A FIP outorgou o alto patrocínio a esta iniciativa e decidiu também fazer coincidir com a Portugal 2010 o seu congresso naquele ano.
- A convite dos CTT e da Federação Portuguesa de Filatelia, esteve exposta na Classe de Honra parte da coleção de Sua Majestade a Rainha de Inglaterra, na qual se incluem vários exemplares do primeiro selo do mundo, o «Penny Black». E ainda parte da coleção de Sua Alteza Real o Príncipe do Mónaco.



RECINTO DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE FILATELIA, PORTUGAL 2010.
ARQUIVO DIGITAL DE COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE.
©MADALENA ALEIXO

RECINTO DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE FILATELIA, PORTUGAL 2010.
STAND DA IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA.
ARQUIVO DIGITAL DE COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE.
©MADALENA ALEIXO



INTERIOR DO ARMAZÉM DA CTT EXPRESSO.
AGOSTO DE 2013.
ARQUIVO DIGITAL DE COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE.
©PEDRO MÓNICA



SUSANA SOFIA BENTO

A CTT EXPRESSO ENTROU NA MINHA VIDA

Em 2006 entrei para esta empresa, mais propriamente para um dos «filhos» do Grupo CTT, a CTT Expresso. A CTT Expresso entrou na minha vida quando tentava ingressar no mundo do trabalho, tinha eu 23 anos e ainda com pouca experiência profissional quando fui chamada para uma entrevista de trabalho através do centro de emprego. Nessa entrevista procuravam uma pessoa para fazer um *part-time* com muitas características, mas acima de tudo com vontade de agarrar uma oportunidade única, pois não só iria ser um mundo desconhecido, como a reabertura de um centro operacional em Viseu (OVS). No meio de muitos candidatos, fui a escolhida e, como referi no início desta história, em 2006, mais propriamente a 5 de Julho, rumo viagem até Coimbra (OCO) para três dias de formação. Depois de muita informação, de me ser inculcada responsabilidade de orientação e coordenação de equipa e muito trabalho nesses três dias, chegou o dia de abertura do OVS (Operações Viseu), na altura com uma equipa pequena, mas todos com aquele sentimento de agarrar este desafio. Passado pouco mais de duas semanas, foi-me proposto aumento da minha carga horária para *full-time* e daí para a frente fui contribuindo mais para a evolução que o centro operacional de Viseu tem hoje em dia. A equipa cresceu, em número e maturidade, e neste

momento Viseu tem uma equipa consistente e forte, preparada para os bons, maus e engraçados momentos, tal como numa madrugada em que estava eu no armazém a verificar um contentor quando reparo que havia algo no chão. Pensei que estava ali um boneco que devia ter caído de alguma encomenda, mas quando me aproximo o «boneco» mexeu a cabeça, dando eu logo um salto acompanhado de um berro para me virem acudir, pois estava perante um lagarto, mais propriamente um lagarto *leopard gecko*. E também tive um dia em que parece que tudo nos acontece e que nunca mais acaba. Nesse dia aparece um cliente apavorado que exige a entrega da sua encomenda, porque a encomenda foi avisada e é sexta-feira e não pode ficar para segunda-feira. E eu como supervisora tento resolver o problema, dizendo ao cliente então para ir ao nosso centro operacional levantar a encomenda no final do dia. Quando o cliente vem no final do dia ao CO levá-la e me diz que o conteúdo é uma cobra viva, que se encontra sedada mas que pode acordar a qualquer altura, eu, com o pavor que tenho de répteis, quase que atirei a caixa ao cliente. São estas pequenas histórias engraçadas no meio de muitas mais ao longo destes 14 anos nesta empresa que recordo e deixo aqui o meu testemunho.